



As mensagens da mídia na sala de aula: um olhar na escola Brigadeiro Fontenelle

Trabalho apresentado ao NP 11 – Teorias da Comunicação, do V Encontro dos Núcleos de Pesquisa da Intercom.

Lylian Rodrigues
Universidade do Vale do Rio dos Sinos

Mestranda em Comunicação da Unisinos, graduada em jornalismo pela Universidade Federal do Pará.

ly_carol@yahoo.com.br

Resumo: Observando uma sala de aula, na Escola Estadual de Ensino Fundamental e Médio Brigadeiro Fontenelle, no Pará, pretendemos descrever como as mensagens dos meios de comunicação são trazidos para a sala de aula e ainda como os professores agem sobre essa nova realidade das escolas. Um ambiente que mesmo sem possuir aparato tecnológico, está inserido na lógica da era da informação, tornando o contexto escolar mais um espaço midiaticizado. Antes e ao longo das descrições das observações, o trabalho reflete como as notícias e as mensagens dos meios de comunicação de massa são motivos de interação e trocas simbólicas além de estimular práticas de um aluno envolvido com a política e cidadania da sua localidade.

Palavras-chave: Educação; Meios de Comunicação de Massa; Comunicação Educativa.



O processo da revolução das tecnologias da informação atua como remodelador das bases materiais da sociedade e dos estudos da comunicação. Passamos, então, a ver este campo não só como um campo técnico, das práticas de transmissão de informação, mas sim, ter uma compreensão ampliada de um campo que envolve processos das interações humanas, das sociabilidades, das técnicas e das práticas, das tecnologias e das novas sensibilidades, da comunicação educando, interagindo os campos sociais e às vezes até substituindo-os.

Percebemos um papel principal da mídia no mundo hoje que a organização simbólica global com gerência pelo campo da mídia, com a orientação própria deste campo para dispositivos como tempo e espaço, ditados pelas mídias; os horários e agendamentos da sociedade dependem da programação dos meios de comunicação de massa ou do espaço público que o campo dos media delega para os demais campos sociais. As conversas do escritório, de casa, da escola, da porta da rua ou do bar são agendadas por uma mídia que está constantemente presente de alguma forma no cotidiano da sociedade atual. Concluímos com isso, que a constituição do modelo de ser da sociedade é propriedade do campo da comunicação.

A mídia assume neste contexto, um papel relevante a ponto de qualquer área das ciências sociais, para compreender as novas formas de sociabilidade, não poder prescindir da reflexão sobre os conteúdos produzidos pelos meios de comunicação e as novas interações sociais causadas pela legitimação do campo da comunicação.

Os avanços tecnológicos nas áreas de comunicação e informação invadem todos os campos da vida pública e privada, chegando até à escola em um processo de inserção plural por meio das novas tecnologias de comunicação e informação. Os meios de comunicação fazem parte do dia-a-dia das pessoas: refletem e reinventam modos de pensar e de agir, interferem em decisões e ações, decidem o assunto a ser discutido na porta de casa, nas escolas, nos grupos de amigos e nos bares da esquina. Mexem com nossos nervos e sacodem emoções, permitem que sejam transpostas idéias e vontades para lugares diferentes. Eles têm o poder de decidir se o povo fica em casa ou ocupa as ruas.



No cotidiano da escola, pensar se a penetração das mensagens dos meios de comunicação na sala de aula é positiva ou negativa, depende de ser analisada a maneira **como** é recebida e assimilada a mensagem do meio de comunicação. “Com o desenvolvimento dos processos e dos sistemas educacionais [...] se deslocou da passagem da informação para a competência de fazer trabalhar essa informação” (BRAGA, 1999, p. 13).

A Mídia não deve ser encarada como mera veiculadora de informação, mas também como articuladora de significados que, por sua vez, não só transmite valores morais e formas de condutas, constituindo vias de orientação para ações sócio-culturais, exercendo a cidadania.

Os alunos podem formar a cultura na qual estão inseridos e despertar para o valor da participação nas esferas política e social. Nesse contexto, a comunicação é peça fundamental, já que pode disponibilizar os instrumentos para a conscientização e mobilização da sociedade.

Os meios de comunicação podem e devem ser ferramentas, instrumentos dos quais as pessoas, especialmente alunos, possam apropriar-se e, utilizando-se deles, "escrever" e comunicar a sua própria cultura. Os meios de comunicação favorecem o desenvolvimento da consciência, da cidadania, do trabalho interdisciplinar e da socialização, preparando leitores experientes e críticos para o desempenho de papéis na sociedade, além de aumentar a cultura e a capacidade intelectual.

Nesse sentido, vários países de todo o mundo vêm desenvolvendo, já há várias décadas, programas de leitura crítica dos meios com a intenção de fortalecer a capacidade analítica de jovens receptores. E foi este o ponto de partida para buscar um objeto de observação na cidade de Belém do Pará. Uma escola que estivesse inserida neste contexto da reflexão das mensagens dos meios de comunicação que se comunicam diariamente com os alunos.

A observação foi realizada em uma escola pública, localizada em bairro de baixa renda da cidade. A escola possui ensino fundamental e médio, estando, equipada com um aparelho de televisão. A Escola Estadual de Ensino Fundamental e Médio Brigadeiro



Fontenelle foi escolhida para a pesquisa porque os professores mantêm atividades comunicativas reconhecidas e premiadas pela UNESCO - Organização das Nações Unidas para Educação, Ciência e Cultura, ganhando o prêmio “escola inovadora” pelo projeto Sala de Leitura da Professora Célia Chagas, no ano de 2003. Durante o mês de novembro do ano 2003, foram assistidas as aulas de português, química, história e matemática, por uma escolha aleatória e de conveniência com professores e pesquisador.

Além da observação em sala de aula, foi formado um grupo pequeno de diálogo entre a pesquisadora e seis alunos, e ainda entrevistas não estruturadas com professores, oportunamente quando utilizavam-se de mensagens dos meios de comunicação em sala de aula.

O grupo dos alunos era formado por seis alunos da 8ª série da Escola Estadual de Ensino Fundamental e Médio Brigadeiro Fontenelle. Eles são moradores das proximidades da escola, não possuem TV a cabo e nem acesso a internet, em casa ou na escola. As idades variam entre 14 e 16 anos, sendo que 1/3 deles trabalham no horário em que não estão nas escolas. Três deles participam de projetos da escola como o de leitura crítica e o da construção de uma página na internet que é feito em parceria com a Universidade da Amazônia, utilizando os alunos da escola Brigadeiro Fontenelle e instrutores daquela instituição de ensino superior.

As perguntas das entrevistas com alunos e professores, assim como as observações em sala de aula, tiveram sempre o objetivo de identificar a mediação do aluno, do professor, quando trazendo para dentro da sala de aula a experiência da mídia e percebendo como os professores lidam com as mensagens dos meios de comunicação, interpretadas, recebidas, pelos alunos.

Buscou-se, também, na pesquisa, investigar as percepções de estudantes em relação às tecnologias de informação. Descritiva e empírica, não houve pretensão em nenhum momento de intervir sobre a situação, mas sim conhecê-la tal como é.



04 de novembro

Na sala de aula, da Escola Estadual Brigadeiro Fontenelle, os alunos esperam pelo professor lendo as mensagens do celular GSM. O acesso à informação pode ser percebido dentro da sala, por alguns alunos, pelas leituras de jornais, livros, revistas ou ainda pelo uso do *walk man*.

Cortes de cabelo nos modelos dos personagens Mamau e Cabeção da *soap opera* Malhação da TV Globo. Um dos alunos nota a entrada da professora e vai até o quadro negro apagar os escritos de giz para o início da aula. O estudante apaga o quadro imitando uma personagem da Escolinha do Professor Raimundo, a Capitu. As revistas em quadrinhos ou revistas da dupla Sandy&Júnior continuam a ser lidas durante a aula ministrada pela professora de História, que não percebe a leitura feita às escondidas pelos alunos.

A sociedade da informação é permeada pelas novas tecnologias e, além do acesso à informação, a “massa” também está tendo livre acesso às tecnologias da modernidade. A televisão é a principal fonte de informação e entretenimento em todas as classes sociais e a grande divulgadora da cultura de massa. Notamos a influência, por exemplo, nos cortes de cabelos e modelos de roupas que os jovens usam por admiração a alguma personagem ou devido à insistência da televisão com uma imagem de roupa, de linguagem ou de pessoas como a já referida dupla de cantores adolescentes, gerando a moda, o comum entre os indivíduos.

Os alunos, enquanto lêem as revistas e jornais, estão tendo acesso a maior parte das informações, que não circula pelas redes educativas formais, ou seja, pelo espaço escolar. Atribui-se, então, aos meios de comunicação um papel insubstituível na educação dos cidadãos de todas as idades e de todas as partes do mundo, não nos cabendo mais os ignorar.

À espera do início da aula da professora de História, os alunos conversam e interagem com assuntos da sala de aula, da vida particular de cada um ou ficam a irritar um ao outro. Poucos, em um universo de 50 alunos, menos de 5 estão sentados, sozinhos, lendo ou somente aguardando a professora. Assim, percebe-se a necessidade da



comunicação para o ser humano e como a palavra é forma imprescindível para as relações humanas e interatividade. A professora de História, Maria Martins, inicia a aula conversando com os alunos sobre as dificuldades que os alunos estão apresentando na escrita dos textos. Depois, explica as questões de uma avaliação que será repassada aos alunos imediatamente. A professora se mostra à disposição para tirar dúvidas de entendimento das perguntas. A avaliação começa e os alunos não conseguem manter total silêncio para elaboração das repostas.

Na verdade, sabe-se que o ser humano já se comunica mesmo antes de nascer. Durante a gestação, o feto mantém uma íntima ligação com a mãe, psicológica e fisiológica. Ao nascer, o choro, que pode ter diversas razões, dependendo do que o recém-nascido deseja comunicar. Mesmos mudos se comunicam, gesticulando. Inerente ao ser humano, a comunicação está sempre presente nas relações e onde quer exista um indivíduo presente. O aluno tem a necessidade de se comunicar. A comunicação deve, então, ser inserida no contexto da aula de forma a beneficiar o professor e o próprio aluno. O educador deve estar atento para as atividades da área da comunicação que podem ser implementadas dentro da sala de aula, como o diálogo. Trocar idéias, gerando conhecimento. Discutir conceitos e esclarecer dúvidas, possibilitando reflexões ao aluno. Indagar o comportamento da sociedade e as informações dos últimos noticiários, despertando o lado crítico do aluno. Instigar o aluno ao exercício da cidadania, buscando o papel exercido dentro da sociedade. Após a avaliação, os testes são recolhidos e os alunos voltam a conversar.

A professora Ana Lúcia Padilha, que ministra a disciplina de português, na escola Brigadeiro Fontenelle, reconhece que “a televisão é um meio de comunicação com fortíssima influência no comportamento e na linguagem dos alunos”. A televisão dita comportamentos mesmo quando não próprios da região; em vista disso, é preciso discernimento ao que não é adequado. A compreensão de assistir aos programas e ler criticamente as mensagens seriam formas de o aluno criar a identidade, a cultura e os valores da imagem e não pela imagem. “Os alunos perdem até o vocabulário regional. Cada um tem o seu, vocês nortistas, eu nordestina. Temos que valorizar o que é nosso e não copiar os valores culturais do sul e sudeste”, afirma Ana Lúcia.

No entanto, a professora reconhece que a televisão é um meio de massa intensamente consumido, principalmente pelo público que formam os alunos da 8ª série. E não deve ser diferente. “A televisão é a nossa principal fonte de informação”, e ainda ressalta “e eu falo sempre para os meus alunos acompanharem os telejornais ou mesmo alguma outra programação que seja interessante. Já que eles não têm acesso aos canais fechados, procuramos tirar o maior proveito que o canal aberto pode nos oferecer”.

Em sala, a linha que segue a professora é de que a cultura de massa deve ser apreciada, sem limites. Os alunos visitaram uma exposição de Tarsila do Amaral e conheceram Portinari (Anexo 1). Para a professora, “eles podem não ter dado importância hoje, mas um dia eles vão perceber o conhecimento adquirido ali”. E não demorou muito para eles terem chegado à sala de aula, animados por terem encontrado os mesmos personagens daquele dia de aula na televisão. Alguns meses depois, estava sendo exibida a nova mini série da TV Globo, “Um Só Coração”. Reconhecer no cotidiano deles o conhecimento é a forma de aprendizado mais eficiente. Além de melhorar a auto-estima, afinal de contas, eles podiam discutir em casa com os familiares ou com os amigos que acompanham a série sobre a “Semana de Arte Moderna”.

Mantendo as críticas à produção Global da famosa novela “Gabriela”, baseada no livro de Jorge Amado, a professora lembra as palavras do autor quando questionado sobre o que achava da produção televisiva do livro, “desperta o interesse para procurarem a obra”. A televisão pode assumir um papel de estimuladora à busca do conhecimento, assim como construir a identidade do povo por meio da veiculação dos contos da história científica, literária, etc. que fazem parte da cultura da sociedade. A televisão vai contribuir assim para o conhecimento ampliado, interado com o cotidiano; e não fracionado como acontece com as disciplinas escolares, limitadas a cada livro respectivo da disciplina.

Os meios de comunicação de massa estão bem moldados na era globalizada. As mensagens vão além do regional, chegando ao nacional e ao universal. Para Ana Lúcia, apreender essa generalização fornecida pelos meios de comunicação, permite aproveitar um conhecimento amplo e global, desde que sempre com uma análise crítica e comparativa para não cair em alienação, como a perda dos próprios valores, da identidade, da linguagem ou do comportamento.



A informação científica precisa ser conciliada com esse cotidiano de mensagens transmitidas pelos meios de comunicação, tornando mais eficiente o aprendizado do aluno, a recepção da informação e mantendo-o atualizado e globalizado, o que também o estará preparando para a sociedade e mercado de trabalho na Era da Informação. Os meios de comunicação são importantes instrumentos de caráter interdisciplinar, pois registra informações referentes às mais diversas áreas do conhecimento. Como veículos formadores de opinião, oferecem uma leitura crítica sobre fatos atuais que devem e precisam ser discutidos em diferentes disciplinas, contribuindo assim para a formação intelectual e cultural dos alunos.

Ao interagir as ciências dos livros e as informações dos meios de comunicação, a professora Ana Lúcia acredita estar tornando o olhar do aluno mais aprofundado sobre o que acontece ao redor, saindo da superficialidade e abandonando a ingenuidade anterior com a qual olhava um programa sobre a “sobrevivência dos animais na floresta”, por exemplo. Essa interação e olhar crítico fazem parte do cidadão que deve ser formado para sociedade em sala de aula.

O momento mais importante das atividades que trazem as mensagens dos meios de comunicação praticadas em sala é para a professora a hora da produção ou reprodução do que eles apreenderam e vincularam à realidade em que vivem, mostrando assim todo o potencial de criadores da própria cultura, construtores da própria identidade e mais que isso, o potencial de criatividade que é despertado, importante instrumento para solução de problemas e vivência na sociedade atual, preenchendo requisito para trabalho e vida social. Os alunos criam arte, linguagem, conhecimento, literatura e exercem cidadania. A forma mais evidente para a professora de todos estes potenciais foi quando as crianças participaram das atividades em que elas produziram uma releitura do texto de Luís Camões, quando eles foram instigados a reproduzir diálogos em histórias em quadrinhos e depois tiveram que produzir as próprias charges.

Todos esses momentos são lembrados e retratados com carinho pela professora Ana Lúcia, que guarda cada livro, cada produção e cada foto. A memória e os registros de como a comunicação invadiu o campo da educação, ganhando autonomia, mediando e beneficiando a cultura, identidade e conhecimento de cada aluno.



10 de novembro

Os alunos tecem comentários sobre o SBT Repórter do dia anterior a respeito do jogo do Paysandu (time de futebol paraense). Nesse momento, a professora de Química entra em sala e nada comenta ao observar a conversa dos alunos.

O professor deve ser o maior estimulador do aluno para buscar informação e discuti-la como trocas de idéias, de valores, de conhecimento. É tarefa do educador problematizar junto aos educandos o conteúdo que os mediatiza, transformando as mensagens em ferramentas para formação do cidadão crítico e participante da história.

Além do que, quando o professor percebe que a informação é interessante para o aluno, o conhecimento científico aliado àquela descontraída conversa vai mediar o conhecimento de forma muito mais prazerosa.

A professora de Química inicia uma explicação sobre a divisão de elétrons em camadas e a correspondência da última camada com a família do elemento na Tabela Periódica. Os alunos parecem desatentos, mecanizando o exercício da distribuição. Alunos que estão sentados nas últimas cadeiras comentam que estão sem entender a razão de estarem estudando aquela divisão de elétrons e um dos alunos fala em voz alta para a professora: “Qual é a família? Família Dinossauro?”. A professora não dá atenção à referência e continua a ditar outros exercícios; e os alunos saem de sala, sem sequer dar atenção à professora ou pedir autorização.

Professores precisam adquirir o perfil exigido pela Sociedade da Informação atual, na qual se faz necessário aprender a aprender, isto é, a aprendizagem torna-se uma competência a ser desenvolvida ao longo da vida. A educação atual precisa abandonar a natureza tradicional de transmitir conceitos das ciências sem haver integração deles com o cotidiano do aluno, ou seja, com a vida de quem está aprendendo. Se ele percebe, na vida, o conceito científico, ele sentir-se-á parte do conhecimento, o qual a partir daí, acompanha-lo-á pelo resto da vida. O professor é visto como agente estimulador do diálogo entre os jovens, utilizando os conteúdos veiculados pelos meios de informação, de forma a traçar um paralelo com o conteúdo ministrado em classe. Assim sendo, um



professor atualizado com as informações tem mais chances de fundir a comunicação com a educação, devendo, esta última ser repensada enquanto simples transmissão de conteúdos sistematizados pela ciência moderna.

Entraram, em sala, integrantes da “Rádio Cidadania”, rádio comunitária da Terra Firme, visitada pelos alunos a convite dos próprios participantes da rádio, durante a aula de química. Os alunos foram convidados para participarem de discussões sobre sucateamento da escola, reajuste salarial e reforma na educação. Inclusive, o convite era válido para uma marcha contra o governo. A turma não pareceu interessada e quando o integrante deixou a sala nenhum comentário foi feito, voltando a aula ao mesmo ritmo que estava tendo.

A professora perde a valorosa oportunidade de discutir com os alunos ou, pelo menos, deixar como reflexão, aproveitando a visita da Rádio Cidadania, a formação de educando ou o sentido de cidadania. No espaço público contemporâneo, o sentido da cidadania, vem sendo construído no bojo de disputas de diversos grupos sociais que pretendem conferir às suas demandas um valor que seja respeitado pelos outros componentes da sociedade. A Mídia e a escola são as duas principais instâncias de formação do sujeito. Dois espaços de circulação do conhecimento potencializam infinitas formas de construção de uma identidade cultural para e pela cidadania e também reprodutores da lógica ocidental para um direcionamento global, que tem como ideário o fortalecimento de uma cultura híbrida e interconectada, cuja expressão de maior representatividade é a livre troca mercantilizada de produtos, cultura e informação, em que o consumo é a grande marca de pertencimento do cidadão na sociedade.

O diálogo sobre cidadania, portanto, não pode esquivar-se de algumas indagações, tais como verificar possíveis contradições na notícia e saber quem é o protagonista e, mesmo que superficialmente, elaborar uma análise de contexto, aprofundando o volátil da notícia.

Paulo Freire parte de pressupostos epistemológicos dialéticos, um método conhecido na Grécia Antiga como “arte do diálogo”. A dialética percebe o mundo como uma realidade em contínua transformação. O ser humano é sujeito, agente do processo

histórico. A educação é projeto e processo, um ato integrado num projeto social e global. Professor e aluno são, juntos, construtores do conhecimento. Paulo Freire foi um dos primeiros estudiosos a perceber a comunicação no campo da educação, em seu ensaio “Extensão ou Comunicação?”. O referido autor já falava a respeito da co-participação como interatividade e diálogo que tornaria possível o conhecimento. “Não se pode pensar acerca dos objetos sem a co-participação de outro sujeito no ato de pensar [...] a interação precisa estar fundada no diálogo” (FREIRE, 1977, p. 66).

A escola cidadã, pensada por Freire, é o lugar de produção de conhecimento, de leitura e de escrita, onde os meios de comunicação constituirão elementos dinamizadores, favorecendo o funcionamento progressivo da instituição e da própria cidadania democrática. É contundente ao afirmar, ainda, a tarefa do educador de problematizar, junto aos educandos, o conteúdo que os mediatiza.

Esgotou-se o modelo de escola que trabalha, exclusivamente, com as linguagens oral e escrita. Sem descartar a cultura do livro, uma das primeiras ferramentas fundamentais para socializar o saber, é preciso sim interagir, mixar, ou seja, estabelecer uma nova sinergia entre a linguagem audiovisual, a codificação digital e a cultura do impresso.

O professor é um estimulador do diálogo dos jovens com os conteúdos veiculados pelos telejornais. Há necessidade, no entanto, do futuro professor estar preparado para mediar o processo de apropriação da mídia por crianças e adolescentes. Logo,

[...] a criança terá direito à liberdade de expressão, este direito inclui a liberdade de procurar, receber e partilhar informação de todos os tipos, independentemente de fronteiras, seja oral, escrita ou impressa, na forma de arte ou através de qualquer outro meio de escolha da criança (CONVENÇÃO SOBRE OS DIREITOS DA CRIANÇA, 1990).

Um curioso exemplo de um professor mostra bem como é possível apreender a cultura do aluno, dialogar e interagir com ele a respeito da mensagem do meio de comunicação e ainda propiciar a reflexão, o poder de tomar decisão e receber o conteúdo de forma crítica. O fato foi conhecido durante o discurso do I *Fórum de Qualidade na Educação da Prefeitura Municipal de São Paulo*, realizado em 27 e 28 de Junho de 1994. O



Preletor: Ruy César do Espírito Santo com o tema: *Mudança de paradigma na educação* pontua a urgência do professor aproximar-se da linguagem televisiva para educar.

“(...) temos que viver com a realidade como ela é. A criança tem que aprender a fazer a leitura na totalidade do mundo em que ela está inserida, censurar não adianta. Se ela assiste à Xuxa, a professora tem que trabalhar essa idéia de Xuxa e com os recursos que existem hoje. Trazer o vídeo do programa da Xuxa. Isso já tem acontecido com as alunas minhas com quem trabalho, elas trazem o vídeo da Xuxa pra sala de aula, as crianças assistem, desliga-se o vídeo, e vamos discutir o que nós vimos. E chegaram às conclusões fantásticas trazidas pelas crianças, onde elas descobriam, por exemplo, que quem paga o programa da Xuxa é o pai delas, porque eles pedem para comprar brinquedos das propagandas que existem (...)”.

Orientados pelo professor, os alunos devem ser instigados a ter um olhar mais crítico sobre o programa e a mensagem. Para crianças que antes nem pensavam no assunto, quando olharem de novo para a apresentação do programa, elas já terão outro olhar, sem tirar a alegria ou paixão dos “baixinhos” pela apresentadora, porém, os alunos tornaram-se mais críticos à informação recebida pelo meio de comunicação.

Jesús Martin BARBERO (1997, p. 17) salienta ainda a capacidade dos sujeitos de apropriarem-se das mensagens, construírem sentidos particularizados ao consumirem as mercadorias simbólicas. “O educando deve ser considerado como produtor de sentidos e consumidor de bens culturais no ambiente escolar e fora dele. A cultura passa a ser entendida a partir de um espaço de conflito, tecendo as possibilidades de transformação”.

Os jornais publicados diariamente têm essência multidisciplinar que deve favorecer o exercício do aprendizado e criticidade referentes à escola. Tratar um jornal como um mero sistema de signos lingüísticos reduz e limita o potencial de uso desse meio no estímulo e na formação do cidadão crítico e construtor da história.

Concluindo, os alunos

Em conversa com o grupo de alunos, alguns mencionam ter a impressão de que a maioria dos professores só entra em sala para cumprir o curriculum pedagógico da escola; eles sentem falta de maior estímulo pela busca do conhecimento e expressam a rotina em sala de aula gera o desinteresse.



Tomar atitudes de inserir na sala de aula as atividades comunicativas a partir do conteúdo da mídia e gerar conhecimento e prazer é, para o professor, um passo promissor para a formação dos alunos como receptores e criadores, eles mesmos, de novas formas para a leitura crítica e para o consumo atento das mensagens veiculadas pela mídia.

“Não adianta viver um mundo menor, que não é a realidade, como é a sala de aula”, diz a aluna Valéria Viegas.

Os alunos relatam que todos os dias eles assistem TV ou escutam rádio, sendo os meios de comunicação de massa as formas mais procuradas para o lazer, durante o tempo livre. O grupo identifica a televisão e o rádio como fonte de informação e atualização. O jornal impresso não tem circulação nas residências e nem nas escolas, assim, não foi citado como usual meio de comunicação dos alunos, porém foi também considerado como fonte de informação e atualização.

O amálgama comunicação-educação é um desafio instigante, posto que não se trata de pensar cada um deles separadamente para depois juntá-los; pois, na práxis, eles caminham juntos.

A performance das atividades que buscam trabalhar as notícias em sala de aula pelos professores, mediadores de conhecimento e de formação, vai definir o futuro da sociedade, visto que na sala de aula está a formação da próxima geração.



REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ADORNO, Theodor. A indústria cultural. In Gabriel Cohn (Org.), *Comunicação e indústria cultural*, 3 ed. São Paulo: Nacional, 1977.

BAKHTIN, M. *Marxismo e filosofia da linguagem*. São Paulo, Hucitec, 1992.

BARBERO, Jesús Martín. *Dos meios às mediações: comunicação, cultura e hegemonia*. 2 ed. Rio de Janeiro: UFRJ, 1997.

BRAGA, José Luiz. Meios de comunicação e linguagens: a questão educacional e a interatividade. *Revista Linhas Críticas*. Brasília. v. 5, n. 9, p. 129-148, jul./dez., 1999.

CASTELLS, Manuel. *A sociedade em rede*. São Paulo: Paz e Terra, 1999.

CONVENÇÃO SOBRE OS DIREITOS DA CRIANÇA. Artigo 13, adotado em Assembleia Geral das Nações Unidas, em 20 de novembro de 1989 e pelo Congresso Nacional, através do Decreto Legislativo N.º 28, de 14 de setembro de 1990 e ratificada pelo Decreto 99.710, de 21 de novembro de 1990, através do qual o Presidente da República a promulgou, 1990.

FERRÉS, J. *Televisão e educação*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1996.

FREIRE, Paulo. *Extensão ou comunicação?* Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1977.

GOLDMANN. Sem título. Disponível em:
<http://www.facasper.com.br/jo/anuario/2000/anamaria2.htm>. Acesso em 07 dez 2003.

HABERMAS, J. *Consciência moral e agir comunicativo*. Trad. G. A. de Almeida. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro. 1989.

ORTIZ, Renato. *Mundialização e cultura*. São Paulo: Brasiliense, 1994.

PONTUAL, Joana Cavalcante. *O jornal como proposta pedagógica*. São Paulo: Paulus, 1999.



SILVA, Marco. *Sala de aula interativa*. Rio de Janeiro: Quartet, 1999.

SOARES, Ismar de Oliveira e MACHADO, Eliany. Educomunicação: ou a emergência do campo da inter-relação Comunicação/Educação. In: XXII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, RJ: INTERCOM, 1999.

THOMPSON, John B. *Ideologia e cultura moderna*. Petrópolis: Vozes, 1995.

VASCONCELOS, Giuliana Cavalcanti. Os desafios do professor do ensino fundamental na sociedade do conhecimento. *Informação e sociedade: estudos*, João Pessoa, v.11, n.2, 2000. Disponível em: <http://www.informacaoesociedade.ufpb.br/1120111.pdf>. Acesso em: 30 nov. 2003.

DOMINGOS, Adenil. Considerações sobre a notícia como discurso. Unesp de Bauru. XXV Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, INTERCOM, Salvador, 2002.

TEIXEIRA, Ana Paula. Identidade cultural para e na cidadania – mídia e escola na direção de um utilitarismo reverso. Fundação Educacional de Votuporanga. XXV Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, INTERCOM, Salvador, 2002.

_____ Ética e Educomunicação pelo Fortalecimento do Quinto Poder. Centro Universitário de Votuporanga – UNIFEV. 2003. XXV Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, INTERCOM, Salvador, 2002.

SOARES, Ismar. Gestão comunicativa e educação: caminhos da educomunicação. *Revista Comunicação & Educação*, São Paulo, (23): 16 a 25, jan/abr, 2002